

Universidade Federal de Juiz de Fora - Minas Gerais - Brasil
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião

"Cidade Presépio em tempos de Paixão"

Turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de
Tiradentes

Oswaldo Giovannini Júnior

Juiz de Fora, 1 de julho de 2000

"Cidade Presépio em tempos de Paixão" ¹

Turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes

Oswaldo Giovannini Júnior

Universidade Federal de Juiz de Fora

oge@zaz.com.br

Resumo: Este trabalho pretende destacar aspectos do turismo que colocam em tela a interação entre cultura moderna e tradicional, onde o turista moderno consome parte do universo simbólico de um grupo tradicional com um "deslocamento de significado" e afetando o nativo em suas significações.

Analisa o caso da cidade histórica de Tiradentes-MG, focando as cerimônias da Semana Santa, onde o encontro de turistas e nativos, gera uma experiência da religião marcada por tensões, combinações e inversões, entre referenciais "de dentro" e "de fora". O conjunto simbólico em questão, festas, procissões e igrejas, ganha densidade e sentido na articulação entre conteúdo mítico, interpretação histórica e experiência estética, afirmando identidades e definindo relações. Conjuga mitos católicos, uma tradição local e a exigência moderna de um comportamento individualista balizado pela razão.

Introdução

Observar a realidade social nas cidades históricas de Minas, Ouro Preto, S. João D'el Rei, Tiradentes, significa realizar uma tarefa ampla, onde atores diferentes estão vivenciando aspectos importantes de suas culturas. Se, de um lado, em cada cidade está presente uma cultura local de raízes profundas, desenvolvida e afirmada em séculos de história, de outro, relacionando-se com ela, outros personagens vindos de diferente realidade sócio-cultural. São cidades de pequeno porte, com uma cultura muito influenciada pela zona rural mas que, pela sua história e pelas relações externas que estabelecem, apresentam certo nível intelectual e artístico convivendo com o rústico. Pela beleza arquitetônica, arte, cultura, beleza natural, etc., são portadoras de uma fama que ultrapassa

¹ O termo "cidade presépio" surgiu na imprensa de fora como uma maneira carinhosa de se referir à pequena cidade com seu acervo preservado, quando comparada com outras cidades históricas maiores como Ouro Preto. O termo "paixão", aqui, remete à experiência religiosa da Paixão de Cristo.

as fronteiras do país, havendo um fluxo muito grande de pessoas de várias lugares, inclusive do exterior, estabelecendo um feixe de relações, de acordo com o interesse depositado na cidade, sejam eles econômicos, educacionais, religiosos, políticos, de preservação do patrimônio, de lazer, etc.

São cidades que concentram, em um espaço pequeno, uma efervescência cultural bastante original, interpenetrando-se pessoas e culturas de várias origens, tornando-se um espaço privilegiado para o estudo sobre o contato intercultural. De início, neste sistema de interação entre diferentes narrativas e experiências, mostra-se a oposição entre "pessoas de fora" e "pessoas de dentro". Esta oposição é usada por Brandão (1989 : 54), a respeito de Ouro Preto, classificando cerimônias de acordo com os agentes que promovem e o público a que são destinadas, como "pessoas de dentro" ou "pessoas de fora". São categorias a princípio inconfundíveis pela questão da autoctonia, porém, as características que as definem não se limitam ao nascido e não nascido. Se definem em sua maneira de ser e de pensar e são estas formas de ser e pensar que interessa ao presente trabalho, enquanto definidoras de aproximações e distanciamentos entre eles. É possível que um e outro sejam melhor compreendidos como tipos ideais, no sentido weberiano, como categorias analíticas com ação e sentido específicos, mas que se apresentam de modos variados na experiência concreta. ²

Turistas e nativos, um encontro de fé, história e arte

Para observar diretamente como essa manipulação de sentidos ocorre, vazada por relações entre atores sociais em negociação, escolheu-se a cidade de Tiradentes³, com mais ou menos cinco mil habitantes, que tem um turismo intenso e considerado de um bom nível cultural, bem como conserva tradições religiosas bicentenárias. É uma cidade que guarda rico acervo cultural e histórico, por isso mantém relações com várias instituições pelo país, sendo freqüentada constantemente por brasileiros de vários estados e por estrangeiros com vários interesses, do lazer à pesquisas botânicas, passando pelo interesse histórico, artístico e também religioso.

² "A sociologia constrói conceitos de tipo e procura regras gerais dos acontecimentos...ela se distancia da realidade, servindo para o conhecimento desta da forma seguinte: mediante o grau de aproximação de um fenômeno a um ou vários desses conceitos torna-se possível classificá-lo quanto ao tipo." Weber 1995: 414

³ Cidade mineira da região de Campos das Vertentes, participou do ciclo do ouro no período colonial, quando se chamava Vila de São José D'el Rei. Passou a ter o nome de um de seus ilustres filhos depois de proclamada a república. Parte de seu casario, Igrejas e prédios

O momento no ano em que nesta pequena vila concentra o maior número de pessoas em função de interesses culturais, patrimônio, festa religiosa, arte, etc., é no feriado da Semana Santa e, não por coincidência, essa é a época mais importante em termos de calendário das celebrações locais. Assim mostrou-se como evento ideal para observar como essas articulações de sentido e de relações ocorrem, pelo fato de apresentá-las em um momento exaltado, ritualizado, onde o jogo simbólico é mais evidente. Neste contexto, “pessoas de dentro” e “pessoas de fora” tomam a forma de turistas e nativos, respectivamente, como personagens de um drama. Considera-se, que não são totalmente dicotômicos em sua maneira de viver e de pensar o mundo, ou seja, são inconfundíveis sim, mas nas relações que estabelecem, fazem surgir um universo simbólico complexo, onde a compreensão do mundo e a ação nele se devem, não a sistemas fechados e estanques, mas permeáveis a uma circulação de sentidos.

Recorreu-se, então, para tentar pensar o caso, à noção de “sistema de comunicação”, usada por Steil (1996: 292), ao trabalhar com a Romaria de Bom Jesus. Sem pretender fazer uma correlação entre romaria e turismo, evocar o termo tem mais como função a tentativa de compreender um evento em que diversos atores se relacionam, colocando em questão aspectos de múltiplas visões de mundo. A formação do que se entende como "sistema de comunicação", a partir da leitura da obra de Steil, possibilita às pessoas entrarem em contato com sua cultura e reinventá-la, valendo-se de rituais e discursos como “instrumental lingüístico” para pensar suas relações sociais, permitindo interagirem com experiências culturais diferentes. Longe de estabelecer um consenso, tal sistema cria uma “arena de disputas” onde os atores se relacionam com os mesmos objetos, porém refazendo significados, dando origem a situações hora inusitadas e conflitantes, por vezes harmônicas e equilibradas.

O nativo, da cidade em questão, tipicamente, professa uma religiosidade tradicional, depositando nas igrejas, santos e procissões um significado de caráter absoluto, sagrado. O turista, geralmente originário de cidades grandes, possui razoável poder aquisitivo, bem como certo nível intelectual, viaja até esses lugares principalmente pelo seu valor histórico e cultural. Assim, surge uma realidade em que símbolos de devoção religiosa podem adquirir outro sentido, o de patrimônio cultural. Como lembra Brandão (1989: 47), os

públicos do século 18 ainda está preservado. O turismo nessa região contou com um impulso nas últimas duas décadas, trazendo

templos viram museus e os museus viram templos. Esse “deslocamento de significado” (Rubem César - 1984)⁴, do sagrado ao secular e vice-versa, não é um movimento executado somente pelo turista, mas também pelo nativo, assim como, não o fazem sincronicamente, os primeiros para um lado e os últimos para o outro, mas a realidade apresenta uma ordenação de sentidos mais complexa.

Em certo momento, Max Weber anunciou que a época moderna avançava no sentido de aguçar um processo de racionalização e secularização irreversível.⁵ Fato contradito por diversos sociólogos atuais da religião, é apontado por outros como verdadeiro⁶. Tal discussão, secular versus sagrado, que de certa forma traduz a relação entre uma cultura moderna e outra tradicional, no tema que está sendo abordado, se reveste na forma de visão histórica e conteúdo mítico. Duas visões de mundo paradigmáticas⁷ que servem de referência para turistas e nativos elaborarem sentidos diversos, que atribuirão aos mesmos objetos e tradições. História e mito são tomados como duas maneiras de pensar articuladas por nativos e turistas para dar sentido a igrejas, imagens, procissões. É esse sentido que define e representa suas ações e portanto os afasta ou aproxima, os coloca em relação ou oposição. É, na medida da definição do sentido que dão aos objetos e fatos religiosos e históricos que turistas e nativos se reconhecem e se relacionam, estabelecendo um "sistema de comunicação".

Se, por um lado, o turista se mostra mais interessado no patrimônio, no lazer e numa cultura professadamente laica e profana, do que numa experiência religiosa admitida, por outro, o tema da religião, da Igreja Católica, da religiosidade popular e da época colonial e seus símbolos, são pensados o tempo todo, criando oportunidades para refletir sobre sua própria experiência e, através disso, descobrir sentimentos e idéias antes não tão evidentes em seu cotidiano. Assim, encontramos pessoas que redescobrem sua religiosidade e outras que descobrem seu lado profano, uns que experimentam o sagrado por meio da história,

significativas transformações para a cidade.

⁴ Poderia ter optado por outro termo, o de "dupla significação" (Rubem César - 1988). O próprio autor notou, em sua análise sobre a devoção aos santos no Brasil, que o processo de significação em torno de um mesmo objeto pode se apresentar em forma dupla ou tripla, no caso o catolicismo oficial, o popular e a umbanda, sem falar na negação do protestantismo que seria mais uma via. Assim, o termo "dupla" pode não ser eficiente por ser muito polarizador. Por conseguinte, entendeu-se que, para observar a realidade em sua mobilidade e variedade a idéia de "deslocamento de significado" se mostra mais adequada.

⁵ "O destino do nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo 'desencantamento do mundo'..." - (19??: 452)

⁶ Ver Pieruchi 1997, onde faz um balanço interessante sobre como vários autores pensaram o problema.

⁷ A diferença entre pensamento mítico e histórico pode ser pensada da seguinte maneira: o primeiro, tem uma finalidade, a pretensão de compreender o universo em sua totalidade, criando um sistema significativo (âmbito da certeza); o segundo no sentido do pensamento científico, pelo seu caráter desinteressado e fragmentado, um conhecimento baseado em documentações (tende a relativizar). Ver Levi-Strauss, 1978.

outros que compreendem a história por meio do sagrado. Mas se sua motivação é puramente secular e seu interesse é histórico-cultural, ou de puro lazer, interessado mais numa cultura professadamente laica e profana que numa experiência religiosa admitida, o que haveria de extraordinário que permitiria a transposição de uma a outra? O turismo seguiria a tendência da secularização, focalizando especialmente os rituais como espetáculos, apresentando os eventos como momentos e espaços dessacralizados, ou apelam para a fé e a importância do sagrado, tendo de fato uma experiência religiosa?

Dizem que história e religiosidade espreitam o visitante em cada canto, de fato, mas o que garante a condição material de sua expressão são objetos de alcance artístico. Desde a pintura e escultura barrocas e o rococó das igrejas às cerimônias religiosas, tudo se reveste de arte. Fé, emoção estética e razão são colocadas em relação, mito, história e arte, são elementos, não só presentes, mas definidores de templos e atos litúrgicos. É na articulação e no diálogo entre o conteúdo mítico, uma interpretação racional e uma experimentação estética, que o conjunto simbólico em questão, culto, imagens, templos, ganha densidade e sentido para turista e nativo. Enfim, talvez pudesse ousar a hipótese de que esse turismo é um momento extraordinário que permite uma experiência cultural especial, que coloca em relação fé e razão na forma de história e mito, motivada por uma fruição artística que permite a passagem de uma a outra. Por conseguinte, crê-se que a divisão moderna entre as instâncias não se resolve, mas se estabelece uma fronteira de indefinição que se mantém como elemento central e estruturante dos eventos (Steil, 1996).

Não diria que há uma afirmação de um moderno e secular sobre um tradicional religioso, nem o contrário, mas, nesse encontro de diversidades, há uma relação de afirmação e contestação mútuas. Esse feixe de relações multi-local proporciona, ao nativo, um encontro com valores e visões modernas que são divulgados sob uma experiência diferente que o turista tem do objeto religioso, ao mesmo tempo em que permanece em contato com um sistema de símbolos e idéias que se remetem ao tecido social local. O "deslocamento de significado" que os grupos de fora fazem, do religioso para o cultural, pode levar a situações conflitantes, provocando uma reação por parte do nativo de ruptura ou de acirramento das estruturas próprias de sua tradição, ou a momentos que traduzem uma tentativa de conciliação. Haveria, assim como para o turista, uma tensão, um vai e vem, entre os dois pólos, história e mito, permitindo um trânsito que se expressa em uma

religiosidade que ajuda o nativo a pensar sua relação com o visitante e sua cultura que vêm de fora.

Através do mito ou da razão, do religioso ou do espetáculo, do mítico ou do estético, sacralizado ou secularizado, de uma forma moderna ou pré-moderna, todos se mobilizam para entrar em contato com a tradição. No contato com esta tradição, que pode ser tanto contingente, enquanto parte de uma história, e ou absoluta, como coisa sagrada, dependendo do sentido, esses dois atores, mais do que definirem suas identidades estão definindo suas relações.

Enfim, torna-se ao problema central que é o jogo de relações que se desenrola quando pessoas de cultura e origem diferentes se encontram. Compreende-se que turistas e nativos estão em contato com um mesmo objeto e que se valem da história e da religião como formas de dar sentido ao mundo e a suas ações, combinando maneiras diversas de pensar. É nesse processo simbólico que definem e representam suas relações mais concretas, que vão desde a ocupação de espaços físicos até o monopólio de valores morais.

Um drama metassocial - o teatro de fé

O ponto alto das celebrações de Semana Santa em Tiradentes são as procissões, que somam 11 ou 12 num período de dezesseis dias⁸. Essas procissões são de grande importância simbólica para os nativos, ocorrendo diversas outras durante o ano, por motivo de outras festas. Para o turista também é importante, uma vez que, juntamente com os monumentos, é um evento esperado e procurado.

A Semana Santa é o momento mais importante do calendário litúrgico católico, já que conta seu mito mais importante que é o da morte e ressurreição de Cristo. O filho de Deus que se tornou homem, de acordo com o projeto divino, para redimir os homens de suas falhas e ofensas. Este mito bíblico remete à “concepção metafísica que permite apresentar o universo como o grande teatro da luta incessante entre o Bem e o mal” (Azzi, 1987: 102). Somente Deus é o princípio de todas as coisas, sendo o bem a verdadeira ordem da realidade e o mal consiste em uma sub ordem. Os passos da paixão, representados na Semana Santa, mostram os passos terrenos de Jesus na confirmação do projeto de Deus de

⁸ Estas são as procissões em sua seqüência: Procissão do Depósito da Imagem de Senhor dos Passos, Rasoura, Procissão do Senhor dos Passos e do Encontro com Nossa Senhora, Depósito da Imagem de Nossa Senhora das Dores; Procissão de Nossa Senhora das Dores; Domingo de Ramos; Monte das Oliveiras; Prisão de Jesus; Via-Sacra; Procissão do Senhor Morto e procissão da Ressurreição. Poderia incluir também o Translado do Santíssimo que não ganha as ruas, é realizada dentro da Igreja, mas não deixa de haver o cortejo.

salvar a humanidade pelo sofrimento e morte de seu Filho, reintegrando o homem na graça divina.⁹

Assim, a seqüência de procissões e celebrações, em todas cidades católicas acompanham a ordem da narração do mito, a começar pelo Domingo de Ramos, até a Ressurreição. No entanto, em Tiradentes a procissão dos Passos e do Encontro, que em todos os lugares se realiza na Quarta-feira Santa, ocorre duas semanas antes. Este fato, que tem origens históricas mais remotas, é justificado, pela tradição. Desde sua implantação, em 1722, é realizada nesta data e por isso não há motivo para mudar, segundo os organizadores da festa. Contam que alguns padres já tentaram mudar a data, para coincidir com o calendário litúrgico oficial, mas isso não foi feito e segundo um nativo, não vai acontecer, pelo menos enquanto for vivo.

Uma pesquisa histórica sobre a manutenção da procissão nesta data, quando houve uma mudança geral na liturgia de toda a igreja, pode-se apresentar interessante, mas aqui só interessa enquanto esse fato apresenta um motivo atual para estar em oposição ao restante das celebrações. Mesmo sendo uma festa em contiguidade à semana santa, em calendários de festas da cidade e no Guia Informativo da Diocese de São João D'el Rei (1990: 133) aparece como um evento à parte. A hipótese cogitada é, primeiro que, sendo rituais contíguos, em termos de narrativa mítica, podem ser também em termos de narrativas sociais e segundo, por estarem em oposição na medida em que cortam a narrativa, mudando sua ordem, pode ser um bom momento para se pensar oposições sociais e simbólicas.

Uma vez que a Semana Santa é, além de um momento religioso, um momento turístico, se a religião e a festa são de fato, como Durkheim (1989), uma reunião oportuna para a sociedade ser pensada idealmente, então, nos eventos em torno desse feriado, as duas culturas em foco, “de dentro” e “de fora”, estão articulando, simbolicamente aquilo que vivem concretamente.

Clifford Geertz (1978: 317) entendeu a briga de galos em Bali, como um “comentário metassocial” sobre distribuições hierárquicas, mais que reforço e discriminação de status. Da mesma forma poderia entender as procissões não por uma função de classificação social e espacial, mas como apresentação de discursos sobre como as coisas estão sendo dispostas. As coisas a serem dispostas, em questão para esse trabalho,

⁹ A oposição "ordem" e "sub ordem" pode ajudar a pensar os significados das procissões.

é o turista e o nativo. Colocando a procissão de Senhor dos Passos em contraposição à procissão do Senhor Morto que acontece na Sexta-feira da Paixão, ponto alto do feriado, pelas diferenças e semelhanças que apresentam, pode-se dizer que estão, dentro daquele "sistema de comunicação", elaborando diferentes narrativas sobre como devem ser definidas as relações entre nativo e turista, a partir de sua inserção no ritual. Tal inserção dependerá do sentido dado ao objeto religioso, resultante da manipulação das referências cognitivas em vigor, história, arte e religião.

Diferente das romarias, que também se referem a mitos bíblicos, onde esses mitos são reinventados, revestidos por estórias sobre as origens de santuários e das peregrinações, a procissão narra o mesmo fato mítico, se mostrando original, não na seqüência de fatos, mas na forma como os apresenta. As procissões em seus primórdios na Europa tinham o caráter de grandes espetáculos de rua, incluindo pequenos autos dentro dos cortejos¹⁰. Hoje, em Tiradentes, seu sentido continua sendo o de um grande teatro, superposto à narrativa mítica. Daí, sua originalidade, enquanto representação de uma realidade local, não se encontra em possíveis estórias inventadas, mas na maneira como esses atores se dispõem e dialogam dentro desse teatro de fé. Assim, desde os preparativos até o cortejo em si, tudo o que acontece tem uma significação, da elaboração de figurinos e cenário até a definição dos espectadores, tudo participa da composição, como em uma peça de teatro. É na forma como ela se compõe e se apresenta é que posições sociais e visão de mundo são representadas e percebidas.

A partir dessas considerações podemos afirmar de antemão que a procissão do Senhor dos Passos traz uma narrativa em que predomina a visão de mundo nativa, ou pelo menos uma delas, e na procissão do Senhor morto, durante o feriado, a narrativa local é transpassada de tal forma por elementos de fora que a estrutura do evento se modifica. Assim são duas representações contíguas, por fazerem parte de um mito maior, mas que se opõem na medida em que conjugam de maneiras diversas atores e visões de mundo.

Nos Passos da História e da Tradição

Percebe-se que a Festa do Senhor dos Passos, em que ocorrem na verdade três procissões, e que ainda se completa com as fases de preparação da Imagem, e do andor nos

¹⁰ Sanchis - 1983

intervalos, é estruturada por pelo menos três elementos fundamentais: a contrição, marcada pela reclusão, pelo ritmo solene e pelo silêncio; o foco primordial na tradição, herdada dos antepassados; e a definição de espaços simbólicos.

A reclusão, no sentido de velar, encerrar, faz parte de alguns momentos importantes, como o sigiloso gesto de vestir a Imagem de roca¹¹ que é velada na primeira procissão, a do Depósito¹², e os altares cobertos por um pano roxo. Essa atitude é importante para gerar um clima de mistério em torno da veneração, o que realça seu caráter sagrado. O ritmo, garantido pelos sinos das igrejas, que toca o mesmo dobrado de quando anuncia-se a morte de alguém, marca o andamento solene dos cortejos, chamando atenção para uma atitude de sofrimento e tristeza próprias de um funeral. O silêncio está presente desde o preceito de que não se pode falar durante a cerimônia até à pouca informação e divulgação da festa, que não chega principalmente ao turista. O silêncio é enfatizado em vários momentos, mostrando que é um elemento importante e que os outros dois convergem para ele.

A procissão é um ritual que, narrando um mito bíblico, superpõe, através de sua representação dramática, uma tradição vivida e definida localmente. Mais do que simplesmente falar da Paixão e morte do filho de Deus, o tiradentino, pela lembrança de seus antepassados e da herança cerimonial que deixaram, está vinculando-se à tradição, evocando e afirmando preceitos morais e uma visão do seu mundo social que serão fundamentais na ordenação de suas relações. A Confraria dos Passos¹³, responsável pela festa, não é composta por autoridades civis ou religiosas, mas são filhos, netos, parentes ou herdeiros de algum modo, de homens que, por décadas, cumpriram o mesmo ritual. Como disse Rogério Nogueira¹⁴, as pessoas vão pela fé também, mas principalmente para lembrar de seus pais que já faleceram. A segunda cerimônia, a Rasoura, é uma procissão em torno da igreja, onde também se encontra o cemitério da Irmandade, lugar mais do que propício para se lembrar os mortos.

É importante consagrar, a cada ano, os gestos rituais que fazem as cerimônias, desde vestir a imagem longe dos olhos curiosos e a preparação de ervas aromáticas no andor, até a

¹¹ As imagens de roca, também chamadas santos de roca, são imagens feitas de madeira, com os membros articulados, permitindo serem vestidos com túnicas de pano; suas cabeças, em geral, são cobertas por cabelos naturais.

¹² Procissão do Depósito: realizada no dia anterior à procissão principal, consiste em transportar a imagem até outra igreja, no caso a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, de onde partirá em direção à Matriz.

¹³ A Confraria dos Passos não existe oficialmente desde início do século passado, porém se reúne nesta época somente para realizar a festa. A Irmandade do Santíssimo, desde 1710, e a Arquiconfraria de Nossa Senhora das Mercês, fundada em 1836, ainda se reúnem periodicamente e também trabalham na organização das festas de Semana Santa e Passos.

¹⁴ Filho de Antônio Nogueira que, falecido há oito anos, foi o responsável pela festa durante 53 anos, passando sua missão à família.

relação distanciada com o clero, mero funcionário da festa, assim como era no séc. 18. Nessas lembranças afirmam-se valores e aprendizados passados de pai para filho através de gestos palavras e exemplos de vida. Em algumas entrevistas confirmou-se como um valor social o costume de falar comedidamente. Esses valores que foram passados pelos pais e avós não eram à base de repressão forçada, mas através de uma conversa sutil e delicada, próprias de quem é contrito e silencia mais do que fala. Nessa evocação da tradição reafirma-se o silêncio, enfocando como um preceito importante na regulação do comportamento social.

O terceiro ponto que chama a atenção nas procissões é a definição de espaços nos rituais. Cada uma das pessoas ligadas diretamente na produção das cerimônias, tem a sua função e o seu lugar definido no cortejo, na maior parte das vezes definidos por herança.. Cada Irmandade tem o seu território, cada personagem, padre, coroinha, andor, carregadores de velas e lanternas, banda e coro, tem uma posição correta. Paralelamente, são formadas duas filas uniformes que acompanham o núcleo, formado por aqueles. Nelas as pessoas dispõem-se com mais liberdade, mas não aleatoriamente. Nota-se que alguns procuram caminhar em pontos mais ou menos definidos. As beatas costumam ir na frente, puxando a procissão, os mais devotos e emocionados em geral caminham junto ao andor e os mais relapsos e que não estão muito interessados em entrar na igreja, ou que gostam de ouvir a banda, sugestivamente podem vir a escolher os últimos lugares. Isso lembra Roberto da Mata (1983: 51) que anuncia as procissões no Brasil como rituais de "características conciliadoras, pois seu núcleo é formado das pessoas que carregam a imagem do santo, e tais pessoas estão rigidamente hierarquizadas...Entretanto, o núcleo é formado e seguido por um conjunto desordenado de todos os tipos sociais", deixando, então, para a massa do povo certa margem de liberdade de disposição. Digo certa liberdade, porque apesar de poderem escolher pontos, não rigidamente definidos horizontalmente, transversalmente é impossível seu deslocamento durante a caminhada. Lembro-me que fui repreendido por passar de um lado a outro procurando melhores ângulos para minha filmadora. E ainda, creio que, por trás desse preceito, pode estar a idéia de que essas colunas, formadas pelo povo, são como que alicerces sobre os quais se ergue, simbolicamente, a autoridade da tradição e do sagrado. A regra mais importante é que as pessoas se disponham de tal maneira que não se rompa a uniformidade do cordão e que o

ritmo não seja quebrado, caminhando andor e colunas em harmonia e equilíbrio. A simetria alcançada, somada às contorcidas ruelas por onde passa e ao contraste entre o escuro das roupas (luto) e o brilho das lanternas, assemelham-se demasiado às esculturas e pinturas barrocas o rococó e seus contrastes. É a representação ordenada e harmônica de uma sociedade no encontro de seus valores e sua identidade mediante a reverência absoluta à tradição e ao transcendente.

Um espaço constitutivo da procissão, não abordado por Da Matta (1983), mas que está presente particularmente em Tiradentes, e em outras cidades de realidade semelhante, como São João D'el Rei e Ouro Preto, é o espaço da platéia. Se o povo acompanha o cortejo formando colunas periféricas ordenadas, os turistas, que não se arriscam a penetrá-las, margeiam aleatoriamente, às vezes andando, às vezes parados aguardando em frente aos Passos¹⁵, ao redor das praças por onde passa, ou próximos a bares e pousadas que cerram as portas em sinal de respeito. Mas essa disposição programada só ocorre no segundo dia quando já estão sabendo das celebrações, pois a procissão do Depósito é feita com tanto silêncio e mistério que os surpreende na rua, os quais, na maioria, estão mal informados. Alguns se espantam, outros se emocionam e fazem reverência, enquanto outros ficam ávidos por uma fotografia. Assim, ao turista é reservado um lugar, que não é desprezível, mas aparece como um componente vital do drama, o de espectador, que desperta no grupo uma vaidade importante para sua auto-afirmação. O nativo sente-se valorizado quando fotografado e filmado, ou simplesmente quando sua história e tradição é valorizada. História que não pertence à Unesco, à humanidade ou ao Brasil mas a ele, tiradentino, homem comum, lavrador, charreteiro, barbeiro, confrade, etc.

A posição desse turista, que pode inclusive variar, tem muito a ver com a forma de como se relaciona com o objeto de culto, igreja, imagem e tradição. Mesmo entre os mais católicos, sacerdotes, educadores religiosos e fiéis em geral, a atenção que é dada a esses objetos se deve, boa parte das vezes, ao seu valor histórico, enquanto patrimônio cultural. Esta noção de patrimônio, muito divulgado nos meios mais intelectualizados, que entende os prédios e obras de arte como depositários de uma história mais abrangente da sociedade brasileira e constitui a memória palpável para sua época contemporânea, se estende também à religiosidade e às tradições populares, o que não implica em garantia de sua preservação

pois as relações são mais delicadas e volúveis. Mas, o que interessa é que, diante do culto, o turista, genericamente falando, se posiciona como público de um espetáculo histórico-cultural que faz renascer, diante de seus olhos, uma época passada da sociedade, ao mesmo tempo que, por vezes, relembra o próprio passado, quando na infância ou juventude via ou participava das procissões que ocorriam em alguma cidadezinha do interior. Em uma entrevista, um turista, nascido no interior de Minas, mas que morava no Rio desde criança, se emocionou a ponto de verter lágrimas, coisa atípica para quem está passeando, falando da procissão que assistiu e das lembranças que lhe vinham de seus pais já falecidos. Certamente em uma coisa turista e nativo entram em acordo, nesse nível simbólico, quando a lembrança e a nostalgia tomam conta de um e de outro, mesmo que por caminhos diferentes. Poderia afirmar nesse momento a hipótese de que o turista, muitas vezes entra em contato com a religião por meio da história e do interesse cultural, sem que isso faça parte do seu programa de viagem, inusitadamente. Por outro lado, pessoas religiosas, assumindo uma postura mais cultural, entram em contato com a história por meio de uma experiência religiosa afirmada na racionalidade. Alguns padres, em suas visitas aos templos, não se valem de nenhum ato contrito de devoção, mas se preocupam em analisar as expressões artísticas e os símbolos, valendo-se de conhecimentos de hermenêutica bíblica, articulando-os a questões sócio-econômicas da época colonial, esvaziando assim seu valor sagrado e enfatizando o valor histórico-artístico, mas usando a mitologia e simbologia católica que conhece pela prática e estudo da religião.

Esse trânsito entre mito e história não é privilégio do turista, mas é reconhecido em alguns nativos, que conseguem uma articulação tão consistente dessas formas de pensar o mundo, que às vezes nem chegam a passar de uma a outra, mas se dão momentaneamente. Um confrade dos Passos, que também é conhecedor da história, afirmava que não sabe dizer se faz essa festa mais pela fé ou pela história, porque desde menino faz as duas coisas ao mesmo tempo. Outro nativo se dizia, sussurrando, mais espiritualista que católico, via na festa um momento mágico e que trabalhava na sua organização mais pela arte, mas no fundo, já faz isso há tanto tempo que acha que a fé e a tradição estão mesmo "correndo em suas veias".

¹⁵ Passos são pequenas construções espalhadas pela cidade, permanecem fechadas durante o ano, abrindo somente para as celebrações da

Polifonia e silêncio diante do Senhor Morto

A Sexta-feira da paixão, há alguns anos, e ainda hoje para alguns, era época de total abstinência e silêncio. Não se ligava rádio ou televisão, não se falava alto, nem abriam os bares, ninguém trabalhava e nem casa se varria. Até hoje tem muita gente que nem sai de casa nesse dia. As cerimônias começavam tarde da noite, o Descendimento da Cruz¹⁶ era feito dentro da igreja e o cortejo ganhava as ruas silenciosamente já por volta da meia-noite, tudo no maior respeito e contrição. Pelo que lembram os nativos, era ainda mais solene que a procissão dos Passos. Hoje, esta última parece ser a depositária mais importante desse respeito e lembrança da tradição e da fé. Antes da Semana Santa propriamente dita, muitos nativos contrastavam uma procissão a outra, dizendo que é completamente diferente e que o respeito e a tradição estão mesmo marcados é na festa dos Passos, sendo que na outra a quantidade de pessoas muda a configuração do ato. Isso evidencia que os acontecimentos de Sexta-feira não foram ocasionais, mas de certa forma são ritualizados, uma vez que previstos.

O feriado deste ano foi um dos mais concorridos de sua história, havia muita gente nas ruas, tanto de dia quanto de noite, e Sexta-feira foi culminante. Os preparativos da Imagem de Jesus morto e do esquife, foram feitos de dia, com a igreja apinhada de gente, cheia de turistas que disputavam curiosamente uma melhor visão do trabalho, que ao contrário da outra, não tinha nada de recluso. Um altar foi desvelado para se retirar a imagem, uma tumba foi aberta para firmar a cruz na nave da igreja, o mistério começava a ser quebrado e os bastidores do espetáculo migravam para o palco, se mostrando ao olhar atento de seu público.

O ritmo da cidade alterou-se completamente, turismo é sinônimo de agito e a rotina diária é completamente quebrada. Com isso, a atmosfera religiosa de contrição e silêncio fica parcialmente dissolvida e o sentido fervoroso do drama, que começa a ser representado desde cedo, contagia-se pelo sentido histórico, tendendo mais a um espetáculo cultural que de fé. É um dia de festa, brincadeiras e arte, entre um desses eventos incluía-se a procissão, como era declarado pelos turistas. Um casal discutia se iria à procissão, pois ele era católico e ela protestante, mas argumentavam que era um evento cultural e por isso deveriam ir.

Semana Santa, simbolizando os passos de Jesus rumo ao Calvário.

¹⁶ Cerimônia realizada na frente do adro da Matriz, onde a Imagem articulada de Jesus é retirada da cruz e colocada no esquife, sob o sermão do sacerdote, para em seguida iniciar a procissão do Senhor Morto.

Acabaram chegando a um acordo, resolvendo "dar uma sapeada", como diziam, ao invés de acompanhar. Boa parte dos turistas "sapeavam", ou seja, entravam e saíam das filas do cortejo à sua vontade e com toda liberdade. Ao contrário dos espaços definidos na procissão dos Passos, as pessoas circulavam com desenvoltura e sem cerimônia.

A tradição de certa forma resiste ao assédio exagerado e desconexo do turista, com suas músicas, arranjos, imagens e figurinos bíblicos que somavam uns setenta personagens. No entanto, o ritmo, o mistério e o silêncio já tinham sido quebrados desde cedo. Na hora do Descendimento da Cruz as ruas em frente a igreja estavam lotadas de gente, mesmo assim, em seguida, a procissão se formou ordenadamente e começou sua caminhada, acompanhada pelo toque fúnebre da banda. Mas, na medida em que aproximava-se do centro, começavam a aparecer os carros na rua, os turistas nos bares e restaurantes abertos e mais abaixo na rua Direita uma multidão disputava espaços mais confortáveis para ver passar o "desfile". Nesse trecho, uma equipe de filmagem, que realizava um curta-metragem na cidade, produzido em associação entre pessoas da cidade e pessoas de Belo Horizonte, se preparava para uma "tomada", com a desenvoltura e o agito próprios de quem tem experiência em *set*. Começaram a filmar assim que a procissão apontou, pedindo que os transeuntes se retirassem da frente. Imagine o quadro, transeuntes entre uma procissão soleníssima e uma equipe de filmagem que não se sabia de quê. Um nativo, Rogério Nogueira, juiz dos Passos¹⁷, se posicionava de fora da procissão escandalizado com a "falta de respeito" que presenciava. As primeiras pessoas passavam e entre elas, ao invés das beatas tradicionais, havia um cego que chamava atenção. Alguns minutos depois, esse suposto deficiente, passou com os óculos escuros na mão procurando a equipe. Além desse personagem novo, que a procissão não conhecia, inseriram um homem bêbado¹⁸ que tropeçava nas pessoas posicionadas nas colunas.

A procissão segue toda "arrebentada", como dizem os nativos, fragmentada, sem compasso, desordenada, esquife para um lado, pessoas para outro. A ordem e o equilíbrio enfatizado na procissão dos Passos dá lugar à desorganização e ao inusitado. O espaço simbólico, antes tão definido, agora é disputado pelos de fora, que não se incomodam de entrar e sair, "sapeando" de acordo com suas próprias vontades. O nativo, fervoroso, fica de fora e observa, invertendo a posição com o turista, a ritualização de uma renovada realidade

¹⁷ Juizes e Juízas são os responsáveis pela organização da festa.

social, da qual já não tem mais tanto controle. Esse espaço simbólico certamente tem correspondência com espaços concretos disputados a cada dia entre os "de dentro" e os "de fora", desde espaços físicos, como moradia e comércio a espaços sociais de decisão e organização política. Mesmo nessa disputa simbólica o nativo mantém seu silêncio, retira-se do espetáculo para sua casa sem dizer palavra, anônimo, aquele que na outra festa era o filho de "seu" Nogueira, que ajudou a vestir o "santo" na noite soturna e carregou o andor pesado com piedade e satisfação, seguindo os passos calcados por seu pai e antepassados há quase trezentos anos.

Mas não é exatamente inversão, é mudança de discurso, é uma multiplicidade de falas, onde se inclui a de outros nativos que se relacionam com o evento de outros modos. Um dos organizadores dessa cerimônia me dizia, minutos antes, que se admirava ao ver tanta gente presente e se orgulhava pelo fato da cidade ser palco de uma oportunidade única dada ao turista. Argumentava que em São Paulo ou Rio de Janeiro eles não teriam condições de participar de um ato desses. Com ele seguem muitos outros, talvez admirando, talvez disputando espaço.

A procissão seguiu pelo corredor estreito que lhe sobra entre os carros e, na medida em que passa pelo Centro Cultural¹⁹, que aguardou de portas fechadas, boa parte dos que acompanhavam se dispersaram, voltando-se para um festival de Jazz que se realizava neste local. Foi de lá que surtiu uma das manifestações mais interessantes. Ao final do canto de Verônica, na igreja do Rosário ali perto, que entoava "o plangente *o vós omnes*" ouviu-se gritos e aplausos que vinham do Centro Cultural. Consagrou-se assim o sentido puramente cultural e artístico do turista, o espetáculo de fé transformou-se em espetáculo comum, lugar de diversão e descontração. Mais uma vez lembro-me de Da Matta que contrapunha esses dois rituais, que aqui se completam, não sem conflito, representando em atos simbólicos uma realidade social marcada pela tensão de valores e comportamentos gestados em contextos sócio-culturais diferenciados. Apontava, este autor para "uma dicotomização entre os acontecimentos altamente ordenados (cerimônias, solenidades...funerais) dominados pelo planejamento e pelo respeito (expresso pela continência verbal e gestual) e os eventos dominados pela brincadeira, diversão e/ou licença, ou seja, situações em que o

¹⁸ Segundo relato de Olinto Rodrigues em artigo publicado pelo jornal "Inconfidências"

¹⁹ Fundado há poucos anos para realizar eventos artístico-culturais destinados ao público em geral e para conferências e simpósios. Tem o nome de Yves Alves em homenagem ao diretor da Rede Globo já falecido; tem ligação com a Fundação Roberto Marinho.

comportamento é dominado pela liberdade decorrente da suspensão temporária das regras de uma hierarquização repressora." (Da Matta, 1983: 38) No contexto, os dois eventos estão presentes ao mesmo tempo e de acordo com o sentido atribuído pelas pessoas podem ser experimentados como complementares ou dicotômicos, formando um "gradiente de diferenciação" em um "campo de aproximação e compatibilização de contrários" (Sanchis - 1983: 16).

Esses fatos descritos, de forma diferente da outra procissão em que evidencia um discurso mais homogêneo, aumentam as escalas de comunicação, emergindo discursos, hora separados e intransigentes, hora fundidos e complementares, compondo uma grande polifonia de significados. A história, a arte, o lazer e a fé, experimentados de maneira diferente por cada grupo, turistas, forasteiros, comerciantes, pesquisadores, cinéfilos, etc., perpassam suas falas, definindo-as e colocando-as em relação, hora se opondo e contradizendo, hora promovendo uma "iluminação recíproca...onde cada uma se reconhece a si mesma" (Bakhtin, 1996: 410)²⁰.

Mas não só um jogo de falas, mas de falas e silêncios, onde o silêncio muitas vezes é que define relações e espaços, seja pelo mistério seja pela omissão. Há uma "valorização ética do silêncio" (Muniz Sodré, em Agenor Miranda 1994: 9), representados na atitude contrita proclamada pela tradição, que permeiam as relações mais concretas da vida cotidiana, tanto entre os nativos como entre nativos e turistas, vividos como num jogo de mostrar e esconder.

Fato interessante, ocorrido há alguns anos, foi o da recusa por parte da Confraria dos Passos em ceder a imagem para que a Rede Globo filmasse a abertura de uma minissérie. Segundo um dos confrades, responsável pela preparação do santo: _A Globo só põe a mão naquela imagem se eu estiver morto. Ora, ele sabia que se a cerimônia, por sinal belíssima, fosse transmitida a nível nacional em horário nobre, certamente o assédio seria imenso. Assim reserva-se lugar ao silêncio e ao mistério, e desta forma o espaço de um discurso marcado pela tradição e pela evocação do equilíbrio social, conduzindo o turista, pelo jogo do silêncio a se posar discretamente como um observador digno de seu valor.

²⁰ Pela interpretação de Hannerz (1997) o conceito de hibridismo de Bakhtin esclarece mais nosso problema: "Imagino que para Bakhtin, a hibridiz representava antes de tudo a coexistência de duas línguas, duas consciências linguísticas, mesmo dentro de uma única fala, comentando uma a outra, desmascarando-se mutuamente, criando contradições, ambigüidades, ironias"

Conclusão

Esse encontro de turistas e nativos, ou mais exatamente entre os "de fora" com os "de dentro" lembra um pouco a relação apontada por Rubem César (1984) entre "pesquisadores e pesquisados", quando notou a tensão entre visão de fora (ética) e visão de dentro (êmica). Compreendo esta idéia como uma contradição que se resume na observação de que os símbolos e atos rituais para uns tem valor ontológico, como na atitude sacralizada do nativo em contrição, e para outros um valor metafórico, como no caso do turista que aplaude o canto de Verônica. Aí estaria o "deslocamento de significado" na interpretação do "de fora" do universo simbólico do outro. Interpretação que quanto mais deslocada, pela falta de compreensão dos códigos de conduta do outro, mais interfere conflitantemente nesse universo, agindo de modo a relativizar aquilo que para ele é absoluto.

O que foi considerado desrespeito pelo nativo, na atitude da equipe de filmagem, foi a atitude relativizadora estampada na interferência em uma ordem significativa, onde cada coisa tem o seu lugar, e absoluta por ser revestida por uma aura de sacralidade. Mas nem todo momento essa oposição se radicaliza, pois se falta, por vezes compreensão de um pelo outro, ambos se movimentam também no sentido de uma complementação, uma vez que é possível transitar entre uma visão de dentro e uma visão de fora na medida em que cada um vai se abrindo ao outro e se impregnando de sua cultura, criando ou encontrando seu espaço dentro de um jogo que exige muita habilidade. Afinal, a procissão não é um ritual de exclusão, mas permite incluir diversos sujeitos na medida em que eles não desestruturam uma ordem tradicionalmente equilibrada. Pelo menos é isso que diz certos discursos presentes nestas festas.

Dentre esses discursos, pode-se notar que o turista também vivencia uma religiosidade, alguns pelo menos, Também revestem esses símbolos por um sentido sagrado. Creio que esse turismo conjuga mitos católicos, conhecidos e revitalizados no imaginário dos nativos e no universo simbólico da arte sacra barroca com a exigência moderna de uma religião balizada pela razão e pelo individualismo. A experiência do turista certamente não é exclusivamente religiosa, mas essa dimensão é, por vezes, despertada inusitadamente, como indicaram vários depoimentos. Talvez alguns turistas se aproximem do "turista religioso" (Steil, 1998), o qual carregado de religiosidade em sua

ação se vale do turismo como mediação para o sagrado, indicando um novo comportamento no campo religioso.

De certo modo, uma experiência religiosa do tipo moderna é marcada pela desdramatização, no sentido de remeter ao interior da consciência²¹, numa ênfase no significado, e não na forma dos atos e objetos, como imagens e rituais. O turismo pode ser um meio de reequilíbrio do binômio significado-significante, dentro de um processo afetivo (fruição artística), realizado por um contato racionalizado (interesse histórico) com o sagrado (mito e rito). Entrando na procissão, o turista está se portando como um fiel, participando da dramatização fervorosa de um mito, talvez no sentido de experimentar um momento liminar de inversão social²², tornando-se um pouco nativo. Porém, uma inversão momentânea, a qual pode deixar de existir mesmo antes que o ritual se cumpra por completo, uma vez que o turista entra e sai da cerimônia segundo uma vontade pessoal e não cumprindo obrigações litúrgicas rígidas. Essa permeabilidade permitida por ambos, o turista que se dispõe a participar e o ritual que se abre a todos, amplia a comunicação entre os dois, que não é cristalina, mas cheia de ruídos, os quais às vezes, provocam mau entendidos. Por isso a procissão fica descompassada, perdendo a harmonia de uma fluidez homogênea.

Os acontecimentos em torno das festas, rituais, cerimônias, patrimônio artístico e arquitetônico, que vão se acumulando ano após ano, abrem um debate entre os moradores da cidade e pessoas de fora, envolvidas com seus interesses, sobre o respeito e desrespeito com relação à religiosidade e ao patrimônio cultural. Debates que estão nas cozinhas das casas centenárias e nos jornais, em bares e pousadas e que definem vários posicionamentos quanto a essas relações apontadas. O que se coloca, de fato, em questão é a manipulação dos bens simbólicos, que dependendo como as disputas se configurem podem decidir sobre o futuro desses símbolos e rituais que significam muito mais do que pretendiam aqueles que os esculpiram em seu tempo.

Bibliografia

AZZI, Rioloando - *A Cristandade Colonial. Mito e Ideologia*. Ed.: Vozes, Petrópolis, 1987.

²¹ Steil, 1996

²² Turner, 1974

BAKHITIN, Mikhail - A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rabelais. EDUNB - HUCITEC, SP - BR, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - "Ouro Preto: arte, antigüidade e artesanato". Em *A cultura na rua*. - E.: Papirus, Campinas, 1989.

DURKHEIM, Emile - *As formas elementares da vida religiosa*. Paulinas, SP, 1989.

FERNANDES, Rubem César - "Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, saravá!" Em: *Brasil e Estados Unidos. Religião e identidade nacional*. Ed.: Graal, 1988.

_____ - "Praticantes e pesquisadores. Uma contraditória viagem ao interior". Em: *Comunicações do ISER*. n.º 12, Rio de Janeiro, ISER, 1984, pp.33-39.

GEERTZ, Clifford - *A interpretação das culturas*. - Ed.: Zahar, Rio de Janeiro, 1978.

Guia informativo da Diocese de São João D'el Rei - MG - 1990

HANNERZ, Ulf - "Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional." Em: *Revista Mana. Estudos de Antropologia Social*. Vol.: 3, n/ 1, PPGAS, R.J., 1997

Jornal Inconfidências (Sociedade Amigos de Tiradentes) - Ano 5, nº 29, 2000.

MATTA, Roberto da - *Carnavais malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Ed.: Zahar, Rio de Janeiro, 1983.

PIERUCHI, Antônio Flávio - "Reencantamento e dessecularização. A propósito do auto-engano em sociologia da religião". Em: *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, novembro, 1997, pp. 99-117.

SANCHIS, Pierre - "A caminhada ritual" Em *Religião e Sociedade*. n.º 9, Rio de Janeiro, 1983.

SODRÉ, Muniz - "Prefácio". Em: ROCHA, Agenor Miranda. - *Os candomblés antigos do Rio de Janeiro*. - Faculdade da Cidade, Rio de Janeiro, 1994.

STEIL, Carlos Alberto - *O sertão das romarias. Um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Ed.: Vozes, Petrópolis, 1996.

_____ - "Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela". Em: *XXII Reunião anual da ANPOCS*. Caxambu, 1998.

TURNER, Victor - *O processo ritual*. Ed.: Vozes, Petrópolis, 1974.

WEBER, Max - *Metodologia das ciências sociais*. - Tradução de Augustin Wernet. Ed.: Cortez, São Paulo, 1995.

Oswaldo Giovannini Júnior
Mestrando em Ciência da Religião - Universidade Federal de Juiz de Fora - MG
Professor de Sociologia - ITASA
e-mail: oge@zaz.com.br